

O USO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS E CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA DECOLONIAL

Lucas Elyseu Rocha Narcizo Mendes¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo debater a importância do ensino de geografia, partindo de uma perspectiva decolonial da produção do conhecimento. Para Santos (2017), quando esta perspectiva é associada ao ensino de geografia, ela contribui para construção de referenciais que posicionam o indivíduo no espaço no que tange às relações de poder. Frente a essa realidade, deve o professor de geografia criar novas formas de pensar o poder nos dias atuais, sem limitar-se ao modelo moderno europeu. Uma dessas formas de pensar surge a partir do uso de filmes e das histórias em quadrinhos em sala de aula como ferramenta metodológica, para então proporcionar – como destacado por Gomes e Gois (2008) – uma representação de ação no tempo e espaço.

Palavras-chave: histórias em quadrinhos; ensino de geografia; ferramenta metodológica; decolonialidade

THE USE OF COMICS AND CINEMA IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY : A DECOLONIAL EXPERIENCE

Abstract

This paper aims to discuss the importance of teaching geography, starting from a decolonial perspective of knowledge production. For Santos (2017), when this perspective is associated with the teaching of geography, it contributes to the construction of references that position the individual in space regarding power relations. Faced with this reality, the geography teacher must create new ways of thinking about power today, without limiting himself to the modern European model. One of these ways of thinking arises from the use of movies and comics in the classroom as a methodological tool, to provide - as highlighted by Gomes and Gois (2008) - a representation of action in time and space.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC/RJ.  <https://orcid.org/0000-0003-2112-7855>.
E mail: Lucas.elyseu@gmail.com.

Keywords: comics; geography teaching; methodological tool; decoloniality

EL USO DE LA TIRA COMICA Y EL CINE EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFIA: UNA EXPERIENCIA DECOLONIAL

Resumen

El propósito de este artículo es discutir la importancia de enseñar geografía, comenzando desde una perspectiva *decolonial* de la producción de conocimiento. Para Santos (2017), cuando esta perspectiva se asocia con la enseñanza de la geografía, contribuye a la construcción de referencias que posicionan al individuo en el espacio en relación con las relaciones de poder. Ante esta realidad, el profesor de geografía debe crear nuevas formas de pensar sobre el poder hoy, sin limitarse al modelo europeo moderno. Una de estas formas de pensar proviene del uso de películas y cómics en el aula como una herramienta metodológica para proporcionar, como señalaron Gomes y Gois (2008), una representación de la acción a lo largo del tiempo y en espacio

Palabras llave: cómic; educación en geografía; herramienta metodológica; descolonialidad

Introdução: por uma geografia escolar decolonial

Estamos imersos em um sistema-mundo, que para Dussel (1977) põe o homem do sexo masculino americano-europeu com a missão “divina” de civilizar o mundo. Missão que é concretizada pela aplicação de uma filosofia de centro, hegemônica e ideológica que se articula a interesses dominantes que justificam a dominação do ser. Este processo segundo o autor tem como marco o surgimento da modernidade, que põe a Europa como centro a partir de um *eu* constituinte que desenvolve um sistema dominante produtor de desejos e necessidades criadoras de uma história linear e universal que tem como fim o civilizado europeu. No qual possui, segundo Quintero (2019), um sistema de dominação cultural controlador da produção e reprodução da subjetividade, dado por uma perspectiva eurocêntrica formadora de um sistema de exploração social global articulador de formas de controle do trabalho.

Articulação que se difunde por redes técnicas e informacionais que variam de acordo com as mudanças de ferramentas tecnológicas encontradas a disposição da sociedade organizada. Sendo produzidas por centros de poder que trazem consigo segurança e

MENDES, O USO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS E CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
UMA EXPERIÊNCIA DECOLONIAL

controle, como também oportunidades econômicas para o desenvolvimento de recursos. Reduzindo a folclore qualquer manifestação de diversidade cultural e linguística diferente, para assim construir uma geografia oficial estruturada por um conjunto de referências admitidas e partilhadas (LESTESGÁS, 2002).

Instaurando um poder colonial interno e global que estabelece vínculos “entre seres humanos e a natureza, definindo tanto agrupamentos humanos [...] quanto naturais” (SANTOS, 2017, p.65). Estes vínculos, para o autor citado; reconhecem, classificam e hierarquizam o saber geográfico, pondo-o a serviço de atores hegemônicos imersos em determinados regimes de poder.

Isto posto, a metodologia escolhida para o desenvolvimento deste estudo foi a elaboração de um projeto de extensão denominado “Geopolítica mundial contemporânea, outras mídias, discursos e debates: por uma geografia escolar decolonial”. Projeto que foi elaborado por estudantes e a professora do curso de Geografia do polo de extensão da Universidade Federal Fluminense, do município de Campos dos Goytacazes, em conjunto com estudantes do oitavo ano e professores do Centro Educacional Municipal do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar em Campos (CEMSTIAC).

Sendo assim, este artigo fora dividido em quatro seções. A primeira traz um debate acerca da relação entre a geografia escolar e a teoria do giro decolonial, buscando através de autores como Santos (2017), mostrar que a construção do conhecimento geográfico se encontra inserido em relações de poder que são calcadas em interesses e visões de mundo hegemônicas.

Na segunda seção, desenvolveu-se um diálogo entre cinema e histórias em quadrinhos, mostrando sua aplicabilidade no ensino de geografia. Para assim, na terceira seção, mostrar como o processo criativo das histórias em quadrinhos vem a potencializar a criação de conhecimento contra-hegemônico que venha a contribuir para o desenvolvimento de um ensino decolonial de geografia.

Teoria do Giro Decolonial e geografia escolar: um diálogo necessário

Para Santos (2017), existe uma geografia de dominação que disputa visões de mundo através de relações e posições de poder e interesses. Uma dessas disputas se encontra no âmbito do currículo, que é entendido por Costa (2003) como um campo articulado de relações de poder produtor de espaços, possuidor de uma ordem estabelecida resultante de uma disputa de visão de mundo, a qual expõe saberes a serem aprendidos e reproduzidos, para então regular identidades e lugares sociais.

Uma maneira diferente de pensar o currículo, para Costa (2003), se relaciona com o posicionamento de uma retórica que desenvolva uma lógica moral frente às decisões antidemocráticas construídas pelos currículos. Isto ocorre através de proposições interrogativas sobre o sistema hegemônico, oriundo de relações de poder que hierarquizam um mundo pela superioridade cultural, racial, civilizacional, branca e européia, justificando formas opressoras de agir (SANTOS, 2017).

No ensino de geografia, para Santos (2017), há um saber escolar que expande a visão eurocêntrica do mundo, a partir, por exemplo, da construção de sentimentos de identidade nacional, que se reforçam através da ideia de uma evolução civilizatória linear, fortalecendo a ideia de raça enquanto reguladora de: relações de poder, comportamentos, valores sociais e econômicos.

De tal modo, o indivíduo e os grupos sociais se inserem em sistemas de relações de poder a partir da colonialidade, que, para Grosfoguel (2008), tem na raça e no racismo, os organizadores e estruturantes hierárquicos do sistema-mundo², servindo de instrumento de dominação, distribuidor das principais identidades sociais e geoculturais do mundo, e verticalizador das relações sociais. Naturalizando relações de dominação e legitimando ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade (QUIJANO, 2005; 2013).

Esta naturalização é condicionada por relações heterogêneas hierárquicas globais, que através da dominação e da exploração, reconfiguram de maneira transversal as estruturas globais de poder. Hierarquização que é dada por uma lógica étnico racial, ou

² Sistema mundo que aqui é entendido como um todo histórico-estrutural homogêneo dotado de uma matriz de poder colonial, que afeta as dimensões de existência social (GROSFOGUEL, 2008).

seja, um processo de estruturação do sistema mundo moderno/colonial, calcado em uma perspectiva de dominação, que age a partir da produção do conhecimento, pondo-o em um patamar de marcador de diferença (GROSFOGUEL, 2008).

Nesta toada, para Santos (2017), a Teoria do Giro Decolonial propõe três desafios para o ensino de geografia. O primeiro é a produção e entendimento do processo histórico de formação do mundo, através de outros pontos de vistas. O segundo é a reinterpretação das relações de poder estabelecidas, para, finalmente repensar o saber e o conhecimento como ferramenta de poder.

Logo, ao pensar a construção de um ensino de geografia entrelaçado à Teoria do Giro Decolonial, deve-se pensar sua aplicabilidade dada pela tolerância ao conhecimento e visão de mundo do outro, respeitando sua construção do conhecimento e posterior posicionamento no mundo (FREIRE, 2014). Como também deve-se incluir formas culturais que refletem experiências de grupos e identidades, marginalizados pela identidade europeia dominante, afim de recusar a homogeneidade imposta pela modernidade (MOTA; NETO, 2013).

Histórias em Quadrinhos e Cinema como ferramenta metodológica para o ensino de geopolítica mundial

Nesta parte do trabalho, buscou-se entender o uso das histórias em quadrinhos e dos filmes cinematográficos como ferramenta metodológica no ensino de geopolítica mundial escolar, explorando suas respectivas potencialidades frente ao ensino de geografia decolonial. O seu uso em sala de aula não visa aqui ser considerado como a solução de todos os problemas no ensino de geografia, mas um meio de inserir o estudante no processo de ensino e aprendizagem de geografia de forma lúdica e crítica.

As histórias em quadrinhos, para Vergueiro e Ramos (2009), constroem realidades através de uma visão subjetiva dada pelo artista, haja vista a presença de elementos da realidade construtores de uma nova história, que é direcionada por estereótipos ou ícones da cultura de massa. Para Gomes e Góis (2008), essa construção se aproxima do conhecimento geográfico por representar uma realidade, a partir de ações sequenciais no tempo e no espaço. O cinema, por sua vez, para Campos (2006), relaciona-se com a

MENDES, *O USO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS E CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA DECOLONIAL*

geografia ao registrar uma realidade oriunda de uma construção de códigos, convenções, mitos e ideologias, que na maioria das vezes faz parte de estratégias de dominação, moldadoras de experiências e percepções de mundos vividos.

Sendo assim, tanto as histórias em quadrinhos como o cinema, quando usados como ferramentas metodológicas no ensino de geografia, proporcionam representações sócio-espaciais dinâmicas da atualidade, recriando seus processos, e, interferindo na produção e reprodução do espaço geográfico. Representando-o e explicando um espaço vivido por visões de mundo singulares.

Frente a isso se têm a proposta: *“Geopolítica mundial contemporânea, outras mídias, discursos e debates: por uma geografia escolar decolonial”*, tratando o uso da história em quadrinhos e filmes de ficção e não-ficção como recursos didáticos para o ensino de geopolítica mundial, a fim de mostrar suas respectivas potencialidades face ao processo de ensino e aprendizagem, ampliando o debate e a análise de discursos sobre diversos temas da geopolítica mundial contemporânea por um diálogo permanente e complementar entre o conhecimento acadêmico, o currículo escolar de geografia e a experiência dos envolvidos. Na concepção de Vergueiro e Ramos (2009), isso permite uma leitura do momento vivido e de mundo, dada por uma percepção singular da realidade, possuidora de referenciais próprias não neutras, formadores de imagens e de opinião.

Porém não se pode deixar de destacar que esta leitura de mundo é constantemente influenciada por marcadores sociais como raça e gênero, que condicionam a experiência para com o espaço e lugar. Cabe então ao professor de geografia, a construção de um conhecimento geográfico escolar a partir das relações sociais e suas respectivas relações com o outro, porque como destacado por Massey (2000), o lugar é estruturado por relações e estruturas de poder, que se estendem através de diferentes níveis locais e globais.

Quadrinizando a geopolítica mundial: um diálogo entre histórias em quadrinhos, cinema e ensino de geografia

MENDES, O USO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS E CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
UMA EXPERIÊNCIA DECOLONIAL

Nesta seção serão anunciados os resultados obtidos com a atividade aqui exposta com o objetivo de destacar o uso do cinema e dos quadrinhos como maneiras de construir um ensino de geografia decolonial. A atividade foi desenvolvida com uma turma de oitavo ano da escola municipal de Campos dos Goytacazes: CEMSTIAC, em sua biblioteca.

No primeiro momento, houve a exposição do filme “Caramuru: a invenção do Brasil”³ para depois criar um debate com intuito de identificar no filme aspectos cristalizados sobre a identidade. Como resultado, houve o destaque para a mistura de raças, mostrando que os índios são vistos no filme como preguiçosos, malandros, foguetos e muito atraentes, e, de um mundo muito diferente do mundo português.

O segundo momento também se desenvolveu um debate, porém, sobre o filme “Alô Amigos”⁴, da Disney, junto à leitura do gibi do “Variguiño e a Turma da Mônica: Praias”, número 32, no capítulo intitulado: “Salvador: Bahia”. Leituras que tiveram como objetivo destacar o posicionamento dos agentes no espaço geográfico. Como resultado do debate, os alunos mostraram que tal representação se associa a determinada visão de mundo, onde através do racismo, hierarquizam a sociedade e a maneira que nos relacionamos com o lugar que habitamos.

Assim sendo, é importante destacar que a escolha das mídias usadas, se deu por entender que são meios que potencializam os valores de uma sociedade colonialista. Sendo assim, seu uso e posterior desconstrução em sala de aula, traz uma postura crítica comprometida em questionar os paradigmas de uma ciência conservadora, reprodutora dos valores de uma sociedade capitalista, pois, permite a produção de um conhecimento comprometido com o processo de formação do mundo que repensa o saber e o conhecimento enquanto ferramenta de poder.

Este comprometimento faz, como destacado por Rejane Rodrigues (2018), que se reconstruam narrativas presentes nas mídias usadas; destacando pontos ofuscados

³ <https://www.youtube.com/watch?v=nOEUbAdzsKk&t=1s>

⁴ https://www.youtube.com/watch?v=I-_u3K2XZN4&t=645s

pelas representações hegemônicas que recusam a homogeneidade imposta pela modernidade.

Posto isso, no terceiro momento, a turma se dividiu em quatro grupos, cada um escolheu abordar um tema a partir dos debates desenvolvidos, para expor a partir da construção de uma história em quadrinhos uma representação do espaço geográfico oriunda da visão de mundo de cada grupo.

Através da representação feita pelo grupo de alunos como pode ser visto nas imagens a seguir, não só através dos temas escolhidos como também através da estrutura textual das histórias em quadrinhos, ficou nítido a preocupação em destacar em suas narrativas; representações hegemônicas fundidas em relações sociais e padrões sociais hierarquizados. Esta representação dada por parte dos estudantes mostra, como destacado por Costa (2013), que não existe uma única forma de se narrar a realidade, mas sim várias formas, que como visto através de Rejane Rodrigues (2018), são ofuscadas pelas representações hegemônicas impostas pela modernidade.

Esta pluralidade que faz com que se produza um saber de forma democrática, que para Paulo Freire (1978), forma uma responsabilidade incorporada não apenas intelectual, mas que também permite, através da intencionalidade transformar a relação do estudante para com o mundo, através de como destacado por Ivan Brunetti (2013); uma experiência única de cada indivíduo para com a terra.



Figura 1. Pré-conceito e racismo



Figura 2. Os jovens no mundo do crime

Com os resultados obtidos podemos ver que ao produzir o quadrinho, os envolvidos inserem-se na construção do saber de maneira democrática, tendo seu sentido assegurado através da relação entre o educador e o educando, formando uma responsabilidade incorporada não apenas intelectual, mas que também permite através

da intencionalidade transformar a relação do estudante para com o mundo. Esta experiência faz com que se entenda o indivíduo como ser de relações, criador e recriador, que através de sua intencionalidade, potencializa o trabalho, transformando sua relação com o mundo (FREIRE, 1978).

Considerações Finais

Ao longo do trabalho viu-se que estamos, como destacado por Grosfoguel (2008), inseridos em um sistema-mundo que tem como base uma matriz de poder colonial, que atinge as dimensões de existência social. No qual re-configura as estruturas globais de poder, hierarquizando o mundo a partir de uma lógica étnico racial; um processo de estruturação do sistema mundo moderno/colonial.

Posto isso, mostramos que as histórias em quadrinhos e cinema são recursos que quando usados de forma lúdica e crítica no ensino de geografia, vem a contribuir para a reconfiguração das estruturas globais de poder, proporcionando ao aluno transformar sua realidade.

Deverá, portanto, o professor de geografia permitir uma participação livre e crítica dos estudantes; assumindo “a liberdade e a crítica como o modo de ser do homem” (FREIRE, 1978, p. 7) e entendendo a história em quadrinhos e cinema como um ato político e do conhecimento como um ato criador, que busca através de ideologias interpretar o sentimento popular (FREIRE, 1983).

Referências

- ALMEIDA, Carlos Alberto de. Variguiño e Turma da Mônica: Praias. São Paulo: Ícaro Editora Ltda., dez. 1994, p. 6-8.
- BRUNETTI, Ivan. A arte de quadrinizar: filosofia e prática. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- CAMPOS, Rui Ribeiro. O cinema, geografia e sala de aula. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 4910: 1-22, jun. 2006.
- COSTA, Marisa Varraber. Currículo e Política Cultural. In: COSTA, Marisa Varraber, *et al.* (orgs). *O currículo nos limites do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 37-68.
- MENDES, *O USO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS E CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA DECOLONIAL*

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

_____. Filosofia da Libertação na América Latina. Co-edição de edições Loyola São Paulo. Editora UNIMEP – Piracicaba (SP), 2ª edição, 1977.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983.

_____. Educação como prática de liberdade. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. Pedagogia da tolerância. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2014.

GOMES, Paulo César da Costa; DE GÓIS, Marcos Paulo Ferreira. A cidade em quadrinhos: elementos para a análise da espacialidade nas histórias em quadrinhos. In: Revista Cidades, Presidente Prudente, São Paulo, v. 5, n. 7, jul/dez, 2008.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Mar. 2008: 115-147.

LESTEGÁS, Francisco Rodríguez. Concebir la geografía escolar desde una nueva perspectiva: una disciplina al servicio de la cultura escolar. Boletín de la A.G.E. Nº 33 – 2002, p.173-186.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar In: O espaço da diferença. Antonio A. Arantes (org.). Campinas: Papirus, 2000, p.177-185.

MOREIRA, Tiago de Almeida. Geografia e cinema: Uma revisão de Literatura. Revista GeoPantanal. UFMS/AGB. Corumbá/MS. N.19. 131-140. Jul/dez, 2015.

MOTA NETO, João Colares de. Paulo Freire e pós-colonialismo na educação popular latino-americana. Revista Educação Online, nº 14, p. 25-38, ago/dez de 2013.

MOYA, Álvaro de. Shazam! 3ª ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1977.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Set. 2005. pp.227-278.

_____. O que é essa tal de raça? In: Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: O negro na Geografia do Brasil/ Renato Emerson dos Santos (Organizador). 3. ed.,

MENDES, *O USO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS E CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA DECOLONIAL*

ver., ampl. Coleção Cultura Negra e identidades. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patrícia; ELIZALDE, Paz Concha. Uma breve história dos estudos decoloniais. MASP Afterall, v.3, 2019.

RODRIGUES, Rejane Cristina de Araújo. O cinema no terceiro mundo sob o olhar da antigeopolítica: ditadura e resistência na América Latina. Revista GEOgraphia, vol.20, n.42, 2018: jan/abr.

SANTOS, Renato Emerson dos. Falando de colonialidade no Ensino de Geografia. In: Educação geográfica: temas contemporâneos. Jussara Fraga Portugal (organizadora). Salvador: EDUFBA, 2017, p. 61-75.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Muito além dos quadrinhos: análise e reflexões sobre a 9ª arte. São Paulo: Devir Livraria, 2009.

Data de Submissão: 17/10/2019

Data da Avaliação: 30/05/2020